

NARRATIVAS DE SOFRIMENTO EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, DE MACHADO DE ASSIS

Christian Ingo Lenz Dunker¹

RESUMO

Examina-se a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, à luz do conceito psicanalítico de narrativas de sofrimento. Procura-se mostrar como o texto apresenta uma reflexão sobre a experiência da alienação, em consonância com o desenvolvimento do alienismo europeu, inaugurado por Philippe Pinel. As concepções de loucura em Machado realizam assim o diagnóstico do mal-estar brasileiro, circunscrevendo giros de discurso entre as diferentes interpretações da experiência de sofrimento.

Palavras-chave: Literatura. Psicanálise. Narrativa.

ABSTRACT

We examine the book “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, from Machado de Assis considering the psychoanalytical concept of narratives of suffering. We try to demonstrate the text offers a reflection about the experience of alienation, in relation with the European development of the alienism, connected to Philippe Pinel. The conception of madness in Machado de Assis has done a diagnosis of Brazilian malaise, making discursive shifts between different experiences of suffering.

Keywords: Literature. Psychoanalysis. Narrative.

Sigmund Freud publicou sua obra-prima, *A interpretação dos sonhos* (1900), a via régia para o inconsciente, escolhendo como epígrafe uma frase do poeta latino Virgílio: “Flectere se nequeo superos, Acherona movebo”, que significa “se não posso mover os céus, me dirijo aos infernos”, uma alegoria que frequentemente é lida como um movimento de inversão do horizonte apolíneo e celestial de investigação da consciência e de seus ideais de elevação para a pesquisa sobre o mundo subterrâneo do Averno e seu barqueiro, Aqueronte, que transportava as almas deste mundo para outro pelo custo de duas moedas.

Lembremos que *Eneida*, de onde procede essa citação de Virgílio, é uma espécie de continuação da *Ilíada*, de Homero, mas que em vez de retratar

¹ Psicanalista, professor Titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP.

a glória dos gregos contra os troianos narra a fuga do herói Enéias, o derrotado de Troia, que foge e funda uma nova cidade, Roma. Portanto, na epígrafe de Freud infiltra-se uma segunda leitura: os derrotados de uma guerra dão origem a um império muito mais poderoso do que a força vencedora. No caminho para a Península Itálica, Enéias, em sua escala em Cumas, faz um pedido aos deuses: aconselhar-se mais uma vez com seu falecido pai. É nesse contexto que ele desce ao reino dos mortos no capítulo VI e escuta de seu pai um desígnio favorável decorrente da fundação de Roma. Portanto, no canto VII, de onde procede a citação de Freud, ele já sabe que seu destino será glorioso.

Machado de Assis publicou sua obra-prima *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em 1881, nove anos antes da obra de Freud, escolhendo como dedicatória a expressão: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico com saudosa lembrança estas memórias póstumas” (ASSIS, 2004, p.1). Assim como Freud ele, seja o autor seja o personagem, se posiciona no reino dos mortos. Assim como Freud ele nos contará a epopeia de uma travessia. Dos vivos aos mortos e retorno. Da vigília ao sono, deste ao sonho e retorno. As duas viagens têm em comum o sentido de uma travessia na qual o narrador é incerto e problemático.

Freud compõe seu texto para demonstrar como o sonho é a realização alucinada de um desejo sexual recalcado. Seu material são seus próprios sonhos, constando entre os biógrafos o consenso de que o livro é parte de sua autoanálise, de sua própria viagem ao inconsciente. Machado também encontra em *Brás Cubas* um representante de sua própria miséria. Ele escreve seu texto com “a pena da galhofa e a tinta da melancolia” (ASSIS, 2004, p.2).

A dedicatória de Machado é irônica. Estando ele “firmemente persuadido que cada vez que um homem sorri – mas muito mais quando ele ri, ele acrescenta algo a este Fragmento de Vida” (STERNE, 1998, p.1) sua posição é de quem quer adicionar algo ao mundo. Sabe-se que essa menção procede de Lawrence Sterne, em seu monumental *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, publicado em 1768 e considerado o marco zero do metarromance, ou seja, um texto que não cessa de lembrar ao seu leitor o fato de que ele está lendo um livro, ou seja, uma peça de ficção, e que o leitor não deve se esquecer dos limites ilusivos que determinam sua experiência (PAES, 1998, p. 37).

Machado e Freud poderiam concordar que “eu sou a matéria do meu livro e eu sou a substância de meus sonhos”. Se Freud tratou o sofrimento considerando a hipótese do inconsciente por meio da técnica do hipnotismo e da associação livre, Machado e Sterne reinventaram o romance por meio da técnica da digressão e da autocrítica paradoxal do narrador onisciente:

A digressão é um artifício deliberadamente utilizado no *Tristram Shandy* para desviar o foco de interesse, dos sucessos em si para a maneira com que são narrados. E esse desvio faz com que a luz incida mais no narrador do que nos personagens, num lance típico daquela técnica do narrador “intruso” ou “dramatizado” (PAES, 1998, p. 37).

Essa estratégia narrativa aproxima duas perspectivas que no limite seriam incompatíveis: de um lado o ponto de vista do sujeito realizado por uma posição específica inserida em um lugar particular; do outro lado o saber total, a onisciência, representada pela perspectiva do ponto de vista da totalidade (Rodrigues, 1998). A solução para a tensão entre o sujeito particular e o sujeito universal, ou em topologia lacaniana, para a relação entre o ponto (vazio) e a linha, realiza-se por meio de estratégias de negação. Machado ironiza sua própria prática de escrita ao dizer: “Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance; ei-lo aí privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião” (Assis, 2004, p. 67).

Se Freud viveu entre 1856 e 1939 e Machado esteve entre os vivos entre 1839 e 1908, deduz-se que entre 1856 e 1908, precisamente durante 52 anos, ambos partilharam o reino dos viventes. Como teóricos da modernidade, ambos redigiram teorias sobre a melancolia. Para Freud, essa é uma espécie de luto patológico, por meio do qual a sombra do objeto perdido cai sobre o eu, que se identifica com esse objeto, gerando uma dor moral e uma atitude de autocrítica interminável. Se Freud convoca Virgílio para guiar sua aventura do mundo dos vivos ao mundo dos mortos, Machado conclama Virgília, a amante de Brás Cubas, para guiar sua aventura dos mortos aos vivos.

Para Machado, teria sido a ideia fixa de imortalidade que o teria levado a uma morte precoce. A ironia aqui é que justamente por ambicionar demasiadamente os céus, por ambicionar a fama e a glória, que ele mais rapidamente move-se para os infernos: “do emplastro anti-hipocondríaco destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade”, ou seja, “trazia comigo a ideia fixa dos doidos e dos fortes” (Assis, 2004, p. 75-79). Como teóricos da negatividade, Machado de Assis e Freud abordam o sujeito com base na hipótese da divisão primária e da perda da experiência de si como unidade autoconsciente e autoconsistente. Ambos pensam o sujeito tragicamente dividido entre suas aspirações desmedidas e o fracasso de suas realizações:

O principal deles foi o divino emplastro Brás Cubas, que morreu comigo, por causa da moléstia que eu apanhei. Divino emplastro, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras

genuína e direta inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e vos ficais eternamente hipocondríacos. Não alcancei a celebridade do emplastro, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento [...]. Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria (Assis, 2004, 252-253).

Aqui aparece um primeiro *deficit* narcísico assumido pelo narrador machadiano. Sua condição impõe a produção *do que se foi* e *do o que se é*, mas há *o que se será*. Esse narcisismo sem futuro faz parte da crítica de Machado à elite de sua época. Uma aristocracia incapaz de pensar seu próprio futuro, que não vê a crise abolicionista como um progresso e um obstáculo. O narrador machadiano é um mestre irônico. A paratopia imposta por sua condição mortuária não se transforma. Ele é um narrador sem esperança, o que não quer dizer, nesse caso, melancolia, mas desamparo (*Hilflosigkeit*). Isso é contrastado por sua inconstância diante do saber. Há uma copresença entre a subjetividade como ponto de vista particular e a onisciência, como saber total de um narrador atual, para o qual o passado narrado e os sentidos subentendidos estão sempre disponíveis. Assim como no inconsciente não há tempo, para Brás Cubas não há futuro. Um problema derivado dessa condição é o da perda da memória e do esquecimento. A divisão do sujeito, revelada pelas falhas da memória de um autor onisciente, é uma impossibilidade lógica.

Como tentei mostrar em *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma* (Dunker, 2015), faltou ao Brasil um capítulo da história da loucura, se é que seguimos a narrativa foucaultina (Foucault, 1966). Enquanto os franceses tiveram seu Pinel, miticamente libertador de loucos, agora tomados como cidadãos, por aqui nossos primeiros asilos foram muito posteriores e tinham a função mais psiquiátrica. O nosso verdadeiro alienista não era médico, mas escritor. Percebe-se tal vocação quando este tematiza, classicamente, a alienação da razão:

A razão que voltava a casa e convidava a sandice a sair, clamando [...]

- Não, senhora, replicou a razão [para a sandice], estou cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experimentada, o que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí a de visitas e ao resto (ASSIS, 2004, P. 84).

Machado também tinha sua teoria sobre o infantil. Se Freud entendia que a sexualidade infantil era a matriz de nossa experiência de reconhecimento, e que uma vez recalcada retorna em forma de fantasia nos sintomas e demais formações do inconsciente, Machado tinha uma perspectiva mais direta. O menino é pai do homem e a loucura é um fracasso

civilizatório. Isso aparece em um dos momentos em que a escravidão aparece no livro, como recordação infantil da relação com o Juvêncio:

Ai nhô-Nhô ao que eu retorquia “- *Cala a boca besta*” Esconder chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas, eram mostras de um gênio dócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração e se às vezes me repreendia, à vista da gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos (Assis, 2004, p. 88).

Está aqui o clássico pai permissivo, que ensina uma moral dupla e de ocasião. A cumplicidade entre pai e filhos é um capítulo central da convergência entre Freud e Machado. Quando se trata de narrativas de sofrimento o narcisismo, em sua face de complexo de exibicionismo é uma espécie de saldo necessário de uma cultura que se percebe em *deficit* repressivo, que lamenta a ausência de uma subjetividade internalizada e de uma dinâmica de conflitos apropriada aos processos modernos de civilização e cultura. Isso se mostra na relação de Brás Cubas com os estudos em Coimbra: “[...] era um acadêmico estroinha, superficial, tumultuário e petulante, dado a aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas” (Assis, 2004, p. 110).

Mas, se há de fato uma homologia funcional entre o sonho e a vigília e a morte e vida, isso propõe como ponto de convergência entre Freud e Machado a experiência da morte como perda. Esse é um ponto alto do livro, um dos raros momentos em que o sofrimento narcísico dá luz ao sofrimento com uma perda real, representada pela morte da mãe:

Fiquei prostrado. E contudo era eu, neste tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. Jamais o problema da vida e da morte me oprimia o cérebro: nunca até este dia me debruçara sobre o abismo do Inexplicável; faltava-me o essencial, que é o estímulo, a vertigem (Assis, 2004, p. 114).

Se em Freud a consciência perturba-se com o retorno do que ela sabe intolerável e inaceitável, em Machado há uma espécie de recalque bem sucedido. Autoengano eficaz, por meio do qual a consciência consegue efetivamente livrar-se da culpa com raras ocasiões emergentes para o sintoma. Há falsas razões, mas para Freud há ainda as falsas razões verdadeiras. Um momento agudo desse confronto entre a verdade e o real dá-se diante de Eugênia, a mulher coxa, mas por quem Cubas vem a nutrir sentimento amoroso: “Se a borboleta preta fosse azul eu não a teria matado [...] Para ela teria sido melhor ter nascido azul. [...] Fiquei aliviado e fui dormir.

Mas o sonho, que é uma fresta do espírito, deixou novamente entrar o bichinho, e aí fiquei eu a noite toda a cavar o mistério” (Assis, 2004, p. 123).

Aqui o suporte do sonho é uma aproximação direta. Ao matar, despropositadamente, uma borboleta preta ele se interroga, deslocadamente, ou seja, de forma ainda alienada, sobre por que ele teria recuado em sua inclinação por Eugênia. O conflito, pela primeira vez exposto e desenvolvido, invade o sonho. Chegamos assim à economia moral do sofrimento em Machado e em Freud. Depois de abandonar Eugênia:

Quatro ou cinco dias depois, saboreava este inefável e incoercível momento de gozo, que sucede a uma dor pungente, a uma preocupação, um incômodo [...] Daqui, inferi eu que a vida é o mais engenhoso dos fenômenos, porque só aguça a fome, com o fim de deparar a ocasião de comer, e não inventou os calos, senão porque eles aperfeiçoam a felicidade terrestre. Em verdade vos digo que toda sabedoria humana não vale um par de botas (Assis, 2004, p. 130).

A elaboração da culpa, como recuo e covardia diante do desejo, prescreve freudianamente a emergência de um sintoma. Temos o sonho que é um seu equivalente, contudo a acomodação narcísica de Brás Cubas é mais extensa que sua capacidade de subjetivar o conflito: “quem escapa a um perigo ama a vida com outra intensidade” (Assis, 2004, p. 187).

Freud teria tentado mostrar que o preço de tal acomodação acaba sendo alto e que ao final esse processo, ainda que lento, é ainda a gênese de um sintoma. Isso se torna explícito na confusão subsequente ao encontro com Marcela, um amor de juventude. Ele transporta as bexigas de um amor de infância, alucinatoriamente, para seu novo amor, Virgília:

Virgília, seria Virgília aquela moça? Fitei-a muito, e a sensação foi tão penosa, que recuei um passo e desviei a vista. Tornei a olhá-la. As bexigas tinham-lhe comido o rosto; a pele, ainda na véspera fina e rosada e pura, aparecia-me agora amarela, estigmada pelo mesmo flagelo, que devastara o rosto da espanhola. Os olhos que eram travessos, fizeram-se murchos, tinha o lábio triste e a atitude cansada. Não me enganava, eram as bexigas. Creio que fiz um gesto de repulsa. [...] Creio que isto é metafísica (Assis, 2004, p. 136).

Seguido o roteiro freudiano, a formação de um novo sintoma passa, necessariamente, por uma retomada da fantasia. É o que vemos emergir com a teoria das janelas. Aqui não se pode deixar de evocar o papel que essas fendas e molduras exercem na estrutura da fantasia neurótica. Freud,

aliás, estudou com a lembrança infantil de Goethe (Freud, 1914): lançar objetos pela janela poderia ser uma versão do desejo inconsciente de lançar seus irmãos, que vieram a lhe tomar o lugar especial junto à mãe, pelo mesmo caminho. A fantasia é nossa resposta a uma janela ou porta que se fecha na vida, a nossa maneira particular de lidar com a indisponibilidade (*Ver-sagung*) do objeto, que causa e desloca nosso desejo: “Assim eu Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência” (Assis, 2004, p. 142).

Poucos atentaram para o fato de que Machado, nosso alienista, tenha trazido em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* uma versão literária do *Tratado Médico Filosófico da Mania*, de Philippe Pinel, publicado em 1809. Uma evolução tão clara e ordenada dos temas ligados à loucura é coroada pela sucessão entre o episódio sobre a alucinação e a aparição direta “in praesentia” de um doido: “Eu sou o ilustre Tamerlão, dizia ele. Outrora fui Romualdo mas adoeci, e tomei tanto tártaro, tanto tártaro, tanto tártaro, que fiquei Tártaro, e até rei dos Tártaros. O tártaro tem a virtude de fazer Tártaros” (Assis, 2004, p. 170).

A cura por identificação é o que caracteriza, para Freud, a psicoterapia por sugestão ou influência. A psicanálise nasce porque a influência e autoridade para mantê-la ao longo do tempo mostram-se precárias, e seus efeitos, insuficientes. Ademais, ela depende de um personalismo que Freud não está propenso a admitir como condição de método. Contudo o episódio do tártaro é um exemplo didático de que a identificação opera em relação ao significante, como argumentava Lacan, e não pela primazia do significado. A substância química “tártaro” (ácido tartárico) não tem nenhuma relação semântica com o povo “Tártaro” habitante das planícies centrais da Rússia. No entanto, o doido de Machado procede exatamente pelo tipo de confusão, baseada no fracasso do funcionamento metafórico, tal qual descrito por Lacan em seu texto clássico sobre o assunto (Lacan, 1958).

O terceiro capítulo da psicopatologia machadiana é naturalmente representado pelas perturbações da memória. Tal qual é demonstrado em *Psicopatologia da vida cotidiana* (Freud, 1905), nossos lapsos e esquecimentos são apenas efeitos de nossos desejos de esquecer. Em muitos casos este esquecimento possui uma estrutura irônica, por exemplo, diante daquele que leva uma vida sacrificada e comedida, com o interesse de ser reconhecido e lembrado pela sua observância das leis podemos responder justamente com um lapso de lembrança, que retém a nobreza dos seus atos, mas apaga o gozo narcísico de seu autor: “Digo apenas que o homem mais probo que conheci em minha vida foi um certo Jacó Medeiros ou Jacó Valadares, não me recorda bem o nome. (...) Ah, lembra-me agora: chama-se Jacó Tavares” (Assis, 2004, p. 189).

Ou seja, todo o esforço de uma vida feita para gerar lembrança e reconhecimento em seus pares, todos os esforços de Jacó são negados pelo esquecimento daquele que de certa forma se comporta como o anti-Jacó, sem pretensões de honra ou glória para além de seus benefícios imediatos, no reino dos vivos. É essa indiferença moral que ele imediatamente percebe em Virgília, no episódio da carta anônima: “Ouvi tudo um pouco turbado, não pelo acréscimo de dissimulação que era preciso empregar de ora em diante, até afastar-me inteiramente da casa do Lobo Neves, mas pela tranquilidade moral de Virgília, pela falta de comoção, de susto, de saudades, e até de remorsos” (Assis, 2004, p. 200).

Uma das definições mais simples e até hoje mais práticas em termos clínicos para a neurose é a que a descreve como uma incapacidade ou um excesso de restrições ou condições impostas à nossa capacidade de amar. Ao contrário de *Delírio e sonho na Gradiva de Jensen* (Freud, 1907), no qual Norbert Hanold apaixonou-se por um afresco romano, que é na verdade sua vizinha de infância, Zoe Bertgang, ainda que deformada e não reconhecida, Virgília é incapaz de despertar em Brás Cubas a mesma capacidade de amor. Pelo contrário, se o delírio é uma tentativa de cura, por isso o amor tem uma estrutura delirante, na hora da verdade o que aparece é um fracasso da experiência amorosa, reduzida ao seu realismo incurável:

Nem então nem ainda agora cheguei a discernir o que experimentei. Era medo e não era medo, era dó e não era dó, era vaidade e não era vaidade, enfim, era amor sem amor, isso é *sem delírio*, e tudo isso dava uma combinação assaz complexa e vaga, uma coisa que não poderia entender, como eu não entendi (Assis, 2004, p. 209).

A alienação mostra-se assim a consequência lógica do pacto moral de conveniência, com o qual Brás Cubas se depara no capítulo anterior. Vê-se assim como Machado percorre diferentes narrativas de sofrimento ao longo de seu personagem melancólico. Ele começa em uma posição de perda da experiência, posto que morto e defunto, ainda que dividido e excêntrico a si, como cabe ao sujeito para a psicanálise. A consecução da narrativa tem como propósito justamente a recuperação dessa vida que é agora perdida. A formação de um conjunto de enunciados para uma enunciação impossível. Por isso o livro tem estrutura de luto.

No entanto, é um luto que se vê substituído por artimanhas narcísicas. Ele começa pela apresentação de uma espécie de pacto social mal-elaborado. Uma criação centrada na imagem de si, mais do que no conflito real com o objeto. Segue-se um momento de catástrofe, a morte da mãe, e uma

retomada, ainda que breve da questão do desejo. Aqui o livro encaminha as decisões amorosas de Cubas. Para isso ela passa pela narrativa do objeto intrusivo. A borboleta que está a mais, a bexigas que aparecem fora de hora, a escolha de Virgília como amante. Sobrevém então o momento da alienação progressiva. A forçagem do autoengano e a retomada das razões narcísicas.

A última, e mais interessante narrativa de sofrimento retoma a posição e início. Trata-se agora da dissolução de seus laços com a vida terrena. O abandono de suas ilusões de imortalidade atribuída à descoberta de um emplastro que curaria a hipocondria. O ponto de passagem de um sistema imaginário de ilusões para a realidade simbólica mesma dessas mesmas ilusões. O ponto no qual, para Freud, o sonho é o ponto essencial de passagem para o que há de real em nossos desejos alucinados. Brás Cubas pertence a esse mundo, porque, se ele pudesse saber e reconhecer os impasses de sua própria vida, ele não seria mais Brás Cubas.

Fato é que a narrativa de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* apresenta de forma clara e contundente as quatro estratégias fundamentais de apresentação do sofrimento. Há, por toda parte, violação do pacto. Pacto entre brancos e negros, entre europeus e brasileiros, entre a aparência e a essência, mas principalmente o pacto que vige a relação entre narrador e narratário.

Em segundo lugar, há a presença constante de objetos intrusivos, como a borboleta negra, as bexigas, o almocreve. Objetos que voltam em sonhos e pesadelos em esboços de autorrecriação e escrupulosidade moral.

Em terceiro lugar, somos apresentados aos movimentos regrados da dissolução da unidade simbólica do espírito, basicamente este é o tema crucial da ausência relativa de seus laços de pertencimento: a perda da mãe, a má-educação dispensada pelo pai, os maus costumes políticos, mas principalmente a decomposição do morto que fala de um lugar de autodegradação.

O quarto tópico, e talvez mais elaborado do trabalho, é o sofrimento por alienação. Aqui populam as passagens nas quais o texto nos provoca com a incapacidade de Brás Cubas em reconhecer-se no outro, em convencer-se com racionalizações vazias, em enganar-se com subterfúgios, ou seja, por toda parte negar certo compromisso entre suas palavras e seus desejos. Brás Cubas não consegue realizar a operação mais elementar e que lhe seria facilitada pela posição de recuo mortuário: autoavaliação e transformação de si.

Por isso encontramos o desenvolvimento articulado e quase metódico de narrativas de sofrimento, mas sem o efeito clássico que delas é esperado, a saber: a transformação do narrador. O sofrimento torna-se assim um sofrimento descrito e não narrado, no sentido do narrador benjaminiano.

O livro contém inúmeras vivências de sofrimento (*Erlebnis*), mas nenhuma experiência de sofrimento (*Erfahrung*). O narrador volúvel, que desdiz e descumpre as regras que acaba de enunciar, que retrata de forma cínica e frívola uma época normalizada, que usa uma terminologia europeia sem síntese com os modos de vida locais, que naturaliza as contradições sociais e que interioriza o conflito como forma de evitar sua subjetivação, (Schwarz, 1991) é principalmente um narrador cujo sofrimento não traz transformação, nem de si, nem do mundo, nem agora, nem no futuro.

Falta ao narrador o que falta aos nossos analisantes que falam de suas vidas em estado de desimplicação, que relatam a miséria do mundo sem exatamente se questionarem sobre a parte que lhes cabe. Brás Cubas padece de um excesso de experiências improdutivas de determinação. Ele recupera os laços causais de sua vida irrelevante, mas isso não o move para outro lugar. Daí a genialidade de Machado de Assis: por assim construir sua personagem ele nos inquieta para acrescentar ao livro aquilo que lhe falta.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê, 2004.
- DUNKER, C. I. L. *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FREUD, S. *Interpretacion de los Sueños*. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1900, v. IV e V.
- FREUD, S. Uma recordación infantil de Dichtung und Wahrheit de Goethe. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1914, v. XII.
- FREUD, S. Delírio e sueño em la Gradiva de Jensen. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1907, v. IX.
- FREUD, S. Psicopatologia da vida cotidiana. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1905, v. VI.
- FOUCAULT, M. *A História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1966.
- LACAN, J. Questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses. In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- PAES, J. P. Sterne ou o Horror a Linha Reta. In: Sterne, L. *A vida e as opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 37.
- RODRIGUES, A. M. Forma e sentido nas Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: Assis, M. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê, 1998.
- STERNE, L. *A vida e as opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHWARTZ, R. *Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo, Duas Cidades, 1998.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.